

# I

— «Os vinte e quatro escravos negros da garbosa galé remavam, transportando o Príncipe Amgiad até ao palácio do Califa. Mas o Príncipe, envolto na sua capa púrpura, jazia *abandonado* no convés, sob o azul profundo do céu estrelado. O seu olhar...»

Até aqui, a pequena lera em voz alta. Agora, os olhos fechavam-se-lhe, e os pais entreolharam-se, sorrindo. Fridolin curvou-se beijando-lhe os cabelos de oiro e fechou o livro pousado sobre a mesa, ainda por levantar. A menina ergueu o olhar como que surpreendida.

— São nove horas — disse o pai. — É tempo de ires para a cama.

Também Albertine se inclinou sobre a criança e as mãos de ambos, pai e mãe, tocaram-se ao afagarem-lhe carinhosamente a fronte. Com um sorriso meigo que já não visava apenas a pequena, os seus olhos encontraram-se. A ama entrou instando a pequena a desejar uma boa noite aos pais. Obediente, a miúda levantou-se e ofereceu-lhes os lábios, para receber o beijo de despe-

dida de ambos. Depois, deixou-se conduzir docilmente pela mulher para fora da sala.

Sozinhos sob o brilho avermelhado da luz do candeeiro de tecto, Fridolin e Albertine sentiram-se impelidos a retomar o relato das experiências vividas no baile de máscaras do dia anterior, que haviam iniciado antes do jantar.

Nesse ano, tratava-se do primeiro baile em que haviam decidido tomar parte antes do fim da quadra carnavalesca. Mal entrou no salão, Fridolin viu-se abordado por dois dominós de vermelho, que o saudaram efusivamente, como um amigo aguardado com expectativa. Mas Fridolin não conseguiu identificá-los. Os dominós pareciam, contudo, estar a par de diversos episódios dos seus tempos de hospital e da sua vida de estudante. Amistosamente, convidaram Fridolin a juntar-se-lhes no camarote. Depois, saíram com a promessa de regressar em breve já despojados das máscaras, mas tanto tardaram, que Fridolin, impaciente, decidiu descer ao rés-do-chão, na esperança de aí reencontrar as enigmáticas criaturas. Olhou em volta, sem contudo as vislumbrar. Em vez delas, foi inesperadamente enlaçado por uma personagem feminina. Era a sua mulher, que acabava de se esquivar algo abruptamente de um desconhecido, cuja aparência sofisticada, melancólica, e sotaque estrangeiro (polaco, certamente) lhe aguçaram a curiosidade, a princípio, mas cujo comentário rude e insolente, que inopinadamente deixou escapar, a feriu e chegou mesmo a assustar. Marido e mulher, consolados por terem escapado a uma frustrante charada banal, encontravam-se sentados na sala de jantar saboreando ostras e champanhe,

como um casal de enamorados entre outros casais apaixonados. Como se tivessem acabado de se conhecer, conversavam placidamente suspensos num jogo de galanteria e resistência, sedução e compromisso. Então, depois da rápida corrida de coche pela branca noite de Inverno, mergulharam nos braços um do outro com um ardor que há muito não sentiam. A manhã cinzenta despertou-os — demasiado cedo. A ocupação do marido chamava-o à cabeceira das camas dos pacientes bastante cedo: e os deveres de dona de casa e mãe não consentiam a Albertine muito mais tempo o aconchego do leito. E assim discorreram as horas, insípidas e previsíveis, na profissão e afazeres domésticos, deixando esbater-se os acontecimentos da noite anterior — do primeiro ao último. Findo o dia de trabalho, a filha a dormir, sem que se adivinhasse qualquer espécie de interrupção, as figuras esfumadas do baile de máscaras tomavam conta da realidade e pairavam diante deles — o estranho melancólico e os dominós de vermelho. E aquelas vivências triviais eram agora, mágica e dolorosamente, banhadas de um brilho ilusório de oportunidades desperdiçadas. Perguntas a um tempo inocentes e sinistras, respostas vagas, ambíguas, desfilavam de um para o outro. E, como nenhum duvidava da absoluta candura do companheiro, sentiram vontade de uma tépida vingança. Por isso, exageravam levemente a atracção que os parceiros mascarados lhes despertaram, troçavam dos acessos ciumentos que o outro revelava, e, faltando à verdade, resistiam a reconhecer os seus próprios. Mas essa conversa despreziosa em torno das aventuras banais da noite anterior deu lugar a uma discussão mais séria, abrin-

do caminho àqueles desejos escusos raramente admitidos que suscitam tormentosas e sombrias tempestades, mesmo no espírito mais puro e transparente. Afloraram esses paradeiros secretos que não cobiçavam especialmente, mas para onde as asas irracionais do destino os poderia levar um dia, se não de outro modo, pelo menos em sonhos. Pois, mesmo entregues um ao outro de alma e coração, sabiam que a noite anterior não fora a primeira vez que se haviam sentido bafejados por um sopro de liberdade, risco e aventura. Uma curiosidade inquieta e torturante levava-os a procurarem pequenas confissões mútuas e, aproximando-se aos poucos, receosos, cada qual buscava um sinal, ainda que ténue, uma experiência, ainda que vulgar, que levasse ao desabafo franco da inconfessável verdade capaz de aliviar aquela tensão e desconfiança, que começavam a tornar-se intoleráveis. Talvez por ser mais impetuosa, mais verdadeira ou temperamental, Albertine foi quem primeiro conseguiu reunir a coragem suficiente para se abrir numa confissão honesta. Com a voz trémula, procurou trazer à memória de Fridolin uma noite no passado Verão, na costa dinamarquesa, quando um homem jovem acompanhado de dois oficiais se sentou a uma mesa ao lado sua, e, durante a refeição, recebeu um telegrama que de imediato o fez abandonar os dois amigos.

Fridolin assentiu com a cabeça. — Sim, lembro-me. Que é que tinha o rapaz? — inquiriu.

— Já o tinha visto nessa manhã, — retorquiu Albertine — quando subia a escadaria do hotel transportando uma mala amarela. Olhou-me quando nos cruzámos, mas, uns passos adiante, parou e voltou-se na minha di-

recção. Os nossos olhares detiveram-se um no outro. Não me sorriu; aliás, o seu semblante pareceu turvar-se e eu devo ter reagido de igual modo, porque senti uma perturbação nunca experimentada antes. Passei o dia na praia deitada ao sol, perdida em divagações. Se me tivesse chamado, não teria sido capaz de resistir (ou, pelo menos, assim pensei). Achei-me capaz de fazer o que quer que fosse. Estava pronta a deixar-te a ti, à nossa filha, a abdicar do meu futuro, mas ao mesmo tempo (acreditas?), eras-me mais querido do que nunca. Nessa mesma tarde (lembras-te?) falámos confiadamente de uma imensidade de coisas — do nosso futuro a dois, da nossa filha — como já não acontecia havia tempo. Depois, ao entardecer, quando estávamos sentados no terraço, ele passou diante de nós na praia sem olhar para cima, e redobrei de felicidade. Mas era a tua frente que eu acariciava, eram os teus cabelos que beijava. E no meu amor por ti havia também muita compaixão dorida. Nessa noite trazia uma rosa branca no cinto e tu próprio disseste que eu estava muito bonita. Talvez não tenha sido por acaso que o estranho se sentou com os amigos junto de nós. O seu olhar não me procurou, mas eu brincava com a ideia de me juntar a ele na sua mesa e dizer-lhe: «Aqui estou, meu amor tão ansiado, meu querido. Leva-me contigo.». Foi nessa altura que lhe entregaram o telegrama: leu-o, empalideceu, sussurrou algumas palavras ao oficial mais jovem e deixou a sala dirigindo-me um olhar enigmático.

— E depois? — perguntou Fridolin secamente, quando ela se calou.

— Termina assim. Apenas sei que na manhã seguinte acordei nervosa e apreensiva. Não consigo exprimir-te o